



HILDEGARDA DE BINGEN, Santa. *Scivias (Scito vias Domini): Conhece os Caminhos do Senhor*. Tradução de Paulo Ferreira Valério a partir da edição de Madre Columba Hart e Jane Bishop. Introdução de Bárbara Newman e Prefácio de Caroline Walker Bynum. São Paulo: Paulus, 2015. 782 p. ISBN: 978-85-349-4141-9

JOÃO VICENTE GANZAROLLI DE OLIVEIRA*
RAFAEL FERNANDES FROTA**

Começamos pelas sibilas, sacerdotisas da mitologia greco-romana que, dotadas de poderes divinatórios, proferiam os oráculos do deus Apolo na Antiguidade. Em sua *IV Bucólica*, o poeta latino Virgílio (70 – 19 a.C.) fez referência a um oráculo proferido pela Sibila de Cumas, anunciador de uma nova e promissora época para a humanidade. Para os primeiros cristãos e medievais em geral, tratava-se de uma profecia messiânica – não obstante a origem pagã de Virgílio. Não surpreende que essas personagens tenham sido incorporadas à tradição judaico-cristã (que se pense nas sibilas pintadas por Michelangelo [1475 – 1564] no teto da Capela Sistina); ainda no Medievo, por outro lado, o termo ganhou cono-

tação mais ampla, passando a se referir às mulheres capazes de profetizar. Foi, pois, na Alemanha medieval que viveu uma das mais notáveis sibilas de todos os tempos: Santa Hildegarda de Bingen, conhecida em sua época como a *Sibila do Reno*. Sua importância não se mede apenas pela densidade profética de sua obra, mas também pela extensão de seus dons e do aproveitamento que fez deles. Além de profetisa inspirada por Deus, santa e Doutora da Igreja, foi monja beneditina, mística, teóloga, compositora, pregadora, naturalista, médica, poetisa, dramaturga e mestra do Mosteiro Rupertsberg em Bingen am Rhein, na Alemanha. Teve sua canonização autorizada por Gregório XIII (1502 – 1585) em 1584

* João Vicente Ganzarolli de Oliveira é doutor em Literatura e professor titular do Instituto Tércio Pacitti da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Contato: jganzarolli@usa.com

** Rafael Fernandes Frota é bacharel em Gravura pela Escola de Belas-Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e pós-graduado em História da Arte pela UNESA. Contato: rafaelfrota@gmail.com

e foi proclamada Doutora da Igreja por Bento XVI (1927) em 7 de outubro de 2012, dia em que São João D'Ávila (1499 – 1569) também foi promovido a Doutor da Igreja. O título é concedido pela Igreja aos santos e santas de significativa contribuição para a Teologia e para a Doutrina, e não requer necessariamente erudição. Santo Isidoro de Sevilha (560 – 636), promovido a Doutor da Igreja em 1722, possuía enorme erudição. Santa Catarina de Sena (1347 – 1380), Doutora da Igreja desde 1970, ditou praticamente toda a sua obra (consideram-se as 381 *Lettere* de Catarina não apenas um tesouro da mística cristã, mas também uma das principais obras da literatura toscana primitiva), pois só aprendeu a escrever em 1377.

Hildegarda nasceu em 1098 na cidade germânica de Bermersheim vor der Höhe, município do estado da Renânia-Palatinada. Décima e última filha de uma família de relativa nobreza, aos oito anos foi ofertada como dízimo ao mosteiro de Disibodenberg, regido por Jutta von Sponheim (1092 – 1136). Quase nada se sabe sobre sua vida até o ano de 1136, quando aos trinta e oito anos se torna abadessa daquele mesmo mosteiro. Nesse ínterim, especula-se apenas sobre sua educação intelectual e artística, que, a despeito de sua riquíssima produção, provavelmente não se deu por meios formais. Em seus próprios textos, Hildegarda se diz “inculta em todo ensino de mestres terrenos e incapaz de ler literatura com

entendimento filosófico” (*Scivias*, II) – particularidade que a aproxima muito mais da santa italiana que do santo espanhol recém-mencionados.

Obra-mestra de Hildegarda de Bingen, o *Scivias* (forma contraída de *Scito Vias Domini* = “Conhece os Caminhos do Senhor”), composto entre 1141 e 1151, é a primeira das três partes da sua *Trilogia Teológica*; a segunda parte, denominada *Liber Vitae Meritorum* (“Livro dos Méritos da Vida”), ganhou forma entre 1158 e 1163; por fim, entre 1163/4 e 1172 ou 1174, Hildegarda redigiu o *Liber Divinorum Operum* (“Livro das Obras Divinas”), também conhecido como *De Operatione Dei* (“Sobre a Atividade de Deus”). O método é o mesmo nos três volumes: a princípio, Hildegarda descreve detalhadamente suas visões, em regra estranhas e enigmáticas, para em seguida interpretar seu sentido teológico, sempre com base na *Voz da Divina Luz*.

O próprio *Scivias* também é dividido em três partes (ou livros). Na primeira, Santa Hildegarda descreve-nos a Criação, o pecado original, a forma (segundo ela, oval) do Universo, a relação entre o corpo e a alma, a relação entre Deus e o Seu povo, os coros dos anjos – estruturados em dois grupos de dois e um grupo de cinco, contrastando assim com a divisão usual em três grupos ternários.

Na segunda parte do *Scivias*, o tema central é a Redenção: aprendemos sobre a vinda do Redentor, a Trin-

dade, a Igreja como Noiva de Cristo e Mãe dos fiéis mediante o Batismo e a Confirmação, as Ordens da Igreja, a Eucaristia, o Sacrifício de Jesus Cristo na Cruz e a luta contra do Demônio, destinado à derrota diante do exército fiel dos crentes.

A terceira e última parte do *Scivias* rememora a História da Salvação, já esboçada nas duas partes antecedentes. Simbolicamente, ela é descrita como um edifício habitado pelas Virtudes. Concluindo a obra, Hildegarda apresenta-nos uma verdadeira Sinfonia Celeste, que não deixa de ser prelúdio das suas próprias e célebres composições musicais. É, a bem dizer, um hino de louvor àqueles que alcançaram a Salvação, posteriormente incorporado à *Symphonia Armonie Celestium Revelationum* (“Sinfonia da Harmonia das Revelações Celestes”) (1140 – 1150), e uma dramatização, base para criação do *Ordo Virtutum* (“A Ordem das Virtudes”) (c. 1151), drama litúrgico acerca de uma alma que cai em pecado por influência do Diabo, mas é devidamente redimida e salva graças às Virtudes.

Embora as visões já se manifestassem desde a infância, foi somente em 1141, aos “quarenta e dois anos e sete meses de idade” (*Scivias*. “Declaração”), que Hildegarda teve a primeira de uma série de *visões verdadeiras que brotam de Deus* e que lhe permitiram uma compreensão devida das Sagradas Escrituras. Seus olhos foram tomados por uma abundante claridade

– chamada por ela de “luz vivente” (*Scivias*, II) – na qual era possível identificar numerosas e complexas figuras, de simbolismo desvendado por uma *voz celestial*. Hildegarda ressaltou que se encontrava em juízo perfeito, “desperta e enxergando com mente pura e com os olhos e ouvidos do ser interior, em lugares abertos, conforme Deus o queria” (*Scivias*. “Declaração”).

O *Scivias* é um livro hermético, misto de profecia, teologia e exegese, escrito com a assistência do monge Volmar (? – 1173), primeiro confessor-copista de Hildegarda, e de sua protegida Richardis Von Stade (? – 1152). Por influência de São Bernardo de Claraval (1090 – 1153), os primeiros esboços do *Scivias* foram lidos e aprovados pelo Papa Eugênio III (1088 – 1153), fato que contribuiu para torná-lo a obra mais famosa do *corpus hildegardensis*. Além do texto, relativo a vinte e seis visões, o *Scivias* consta ainda de trinta e cinco iluminuras, produzidas sob supervisão de Hildegarda. A presente edição, lançada no Brasil pela Editora Paulus, conta com um prefácio da historiadora Caroline Walker Bynum e uma introdução de Barbara Jane Newman, especialista na vida e na obra da Santa de Bingen.

Já na *Declaração*, Hildegarda deixa claro que “estas são visões verdadeiras que brotam de Deus”; isenta-se da autoria, pois é Deus quem lhe fala e manda que escreva: *Clama ergo et scribe sic!* (“Grita, portanto, e escreve assim!”) – é o próprio Criador a ordenar. Exclu-

sivamente interessada nos “tesouros que as traças não corroem” (Mt 6,19-21), Hildegarda não teve cargos importantes neste mundo em que nada efetivamente é e tudo se torna; almejando uma eternidade em que nada se transforma e tudo simplesmente é, Hildegarda imitou Maria, não Marta: preferiu a “melhor parte” (Lc 10,38-42) e foi escolhida como interlocutora e divulgadora da Palavra.

Esquecidas durante séculos, Hildegarda e suas obras têm sido parcialmente resgatadas nas últimas décadas. Traduções em várias línguas, gravações de suas músicas, encenações de suas peças e até mesmo uma filmografia hildegardiana já existem. No Brasil, país que abriga a maior população católica do planeta, pouco ou nada se sabe sobre a Sibila do Reno. É raríssimo encontrar algo escrito por ela ou sobre ela em nossas bibliotecas universitárias. Mais que oportuna é, pois, a tradução do Scivias editada pela Paulus em nosso país, minado cada vez mais pela indiferença aos reais valores a serem tidos em conta nesta

vida. Como não recordar do poema *Indifference (a.k.a When Jesus Came to Birmingham)*, do pastor anglicano Geoffrey Studdert Kennedy (1883 – 1929)? Nele, Jesus volta à Terra em pleno século XX, na cidade inglesa de Birmingham, e ninguém o maltrata (*When Jesus came to Birmingham, they simply passed Him by*); mas ninguém tampouco se importa com Ele ou se interessa pelo que tem a nos dizer – e isto Lhe causa um sofrimento maior que o da Cruz, fazendo-O recostar-Se solitário (*without a soul to see*) sobre uma parede e preferir o Calvário: *and Jesus crouched against a wall, and cried for Calvary*.

Indiferentes até então ao “mundo alucinado, todo relâmpagos e mistérios de Hildegarda” (como descreve Giacomo Prampolini em sua imortal *Storia Universale della Letteratura*), evitemos os ruídos e futilidades típicos da nossa época e tornemo-nos atentos aos gritos que a Santa de Bingen, obediente à Voz da Divina Luz (*Clama ergo et scribe sic!*), dignou-se emitir para todos nós.

Resenha recebida em 06/06/2019 e aprovada para publicação em 17/06/2019

ISSN 1677-7883

DOI: <http://dx.doi.org/10.31607/coletanea-v18i35-2019-10>

Como citar:

GANZAROLLI DE OLIVEIRA, João Vicente; FROTA, Rafael Fernandes. Resenha de HILDEGARDA DE BINGEN, Santa. Scivias (Scito vias Domini): Conhece os Caminhos do Senhor. Tradução de Paulo Ferreira Valério a partir da edição de Madre Columba Hart e Jane Bishop. Introdução de Bárbara Newman e Prefácio de Caroline Walker Bynum. São Paulo: Paulus, 2015. 782 p. ISBN: 978-85-349-4141-9. *Coletânea*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 35, p. 233-236, jan./jun. 2019. Disponível em www.revistacoletanea.com.br.